

COANÁLISE DA ATIVIDADE DOCENTE: A VISÃO DA PRÓPRIA PROFISSIONAL

COANALYSIS OF TEACHING ACTIVITY: THE STANDPOINT OF PROFESSIONAL HERSELF

Matheus José Cuzato Mancuso¹

Deivis Perez Bispo Dos Santos²

¹ Professor de Psicologia na Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista (FAIP)

² Professor no Programa de Pós-Graduação em Psicologia e no Departamento de Psicologia Social e Educacional da Universidade Estadual Paulista - UNESP

Resumo: Com o propósito de ir além do comportamento observável da atividade docente, foi utilizada a autoconfrontação simples para a coanálise dessa atividade, evidenciando a visão do próprio profissional em questão. Dessa maneira, este artigo pretende demonstrar o exame das percepções, acerca da própria atividade ocupacional, de professoras que atuam no ensino fundamental de uma escola pública municipal do interior do Estado de São Paulo.

Palavras-chave: Psicologia do Trabalho; Professores de Ensino Fundamental; Clínica da Atividade.

Abstract: In order to go beyond the observable behavior of the teaching activity, a simple self-confrontation was used for the co-analysis of this activity, highlighting the professional's own view. Thus, this article aims to demonstrate the examination of the perceptions, about their own occupational activity, of teachers who work in the elementary school of a municipal public school in the interior of the state of São Paulo.

Keywords: Organizational Psychology; Elementary School Teachers; Classroom Environment.

Resumen: Para ir más allá del comportamiento observable de la actividad docente, se utilizó una autoconfrontación simple para el co-análisis de esta actividad, destacando la propia visión del profesional. Por lo tanto, este artículo pretende demostrar el examen de las percepciones, sobre su propia actividad ocupacional, de los maestros que trabajan en la escuela primaria de una escuela pública municipal en el estado de São Paulo.

Palabras clave: Psicología del Trabajo; Maestros de Primaria; Clínica de Actividad.

1 Introdução

Este artigo apresenta uma investigação que foi dedicada ao exame das percepções e sentidos atribuídos por professorasⁱ à própria atividade profissional, tencionando ir além daquilo que se manifesta de modo conspícuo. A propositura de ir além do comportamento observável ensejou esforços apreciativos e explicativos por parte das próprias docentes em relação à sua laboralidade. A temática geral enunciada foi estudada por meio da coanálise do trabalho de duas professoras que atuam com crianças que frequentam o ensino fundamental I, que abrange a escolarização entre o primeiro e quinto ano, em uma escola pública municipal situada numa cidade média do interior do Estado de São Paulo.

Os processos de coleta, coanálise e discussão dos dados foram realizados considerando os aportes teóricos e metodológicos da Clínica da Atividade (CLOT, 2007; 2010), vertente da Psicologia do Trabalho que tem as suas raízes epistemológicas na Psicologia Histórica-Cultural vigotskiana e nos estudos sobre o mundo do trabalho de Ivar Odonne, da ergonomia francófona de Wisner e da psicopatologia laboral de Le Guillant. O dispositivo metodológico adotado foi a autoconfrontação simples, que se caracteriza por ser um instrumento que tem no seu centro o registro audiovisual do trabalho seguido da exibição do conteúdo gravado e da sua coanálise (análise em conjunto) pelos trabalhadores mediados por um pesquisador, em um processo de confrontação dos profissionais com a sua atividade ocupacional.

Cumpre elucidar que de acordo com Perez (2016) a autoconfrontação organiza uma movimentação que se propõe,

primeiramente, ao estímulo dos processos de desenvolvimento e transformação dos indivíduos e grupos, associado à coanálise, reflexão e ressignificação da laboralidade por trabalhadores mediados por um psicólogo, pesquisador ou analista do trabalho e, em outro momento, para ser uma ferramenta do campo acadêmico, que visa a recolha, exame de dados e produção de saberes sobre a dinâmica de (re)apropriação da atividade ocupacional por trabalhadores.

Neste estudo a coanálise do trabalho privilegiou a identificação, o registro e a examinação das percepções e dos sentidos atribuídos às múltiplas dimensões da laboralidade docente por professoras voluntárias da pesquisa. À vista disso, para que fosse possível alcançar mais do que apenas aquilo que possa ser observado, o *além do observável* (MACUSO, 2018), foi necessário, por meio da autoconfrontação simples, provocar a dialogia entre o pesquisador e as docentes, fazendo emergir o *real da atividade* (CLOT, 2010), que são os gestos suspensos, inibidos e não vividos pelo trabalhador, mas que nem por isso deixaram de mobilizar o psiquismo da pessoa.

2 Por que estudar o trabalho docente?

A opção pela investigação da temática geral *trabalho docente* se justificou em função do caráter estratégico que a atividade profissional daquelas que se dedicam à docência possui nos contextos econômico, sociopolítico e cultural contemporâneos, marcados por uma crescente complexidade das relações que são estabelecidas entre pessoas, instituições e países, as quais têm demandado, por parte dos indivíduos e grupos sociais, a construção de “[...] uma cultura da compreensão, da análise crítica, da reflexão sobre o que fazemos e acreditamos [...]” (POZO, 2002, p. 40).

Há tempos no Brasil as professoras do ensino escolar básico se queixam das condições do ambiente de trabalho e acabam por adoecer devido à falta de apoio e atenção dada aos problemas externados (ZANELLI, 2010). A literatura acadêmico-científica tem apontado para a crescente precarização e intensificação do trabalho das professoras, acarretados tanto pelo aumento das exigências e diversificação de suas atividades quanto pela fragilização de suas condições de trabalho, incluindo os salários historicamente reduzidos e o advento dos contratos temporários (MOURA, 2013). Concomitantemente, observa-se que as influências do sistema capitalista e das políticas neoliberais implementadas nos últimos anos em nosso país estão repercutindo nas instituições escolares com desdobramentos sobre o corpo docente.

O cenário educacional divisado no decorrer dos últimos anos e no momento atual é formado por greves de professoras em inúmeros estados e municípios brasileiros, tendo como principais pautas a recomposição dos salários dramaticamente rebaixados, as condições de trabalho e a fragilização da qualidade da educação oferecida aos discentes resultante de políticas pouco comprometidas com a excelência da formação oferecida às novas gerações. As lutas das professoras são a face mais aparente das manifestações da comunidade escolar em sua perene demanda por uma escolarização pública, gratuita e de qualidade, cujo âmago está no oferecimento de apropriadas condições e estrutura de trabalho para as docentes.

Tendo em conta o quadro acima delineado e considerando a centralidade do trabalho na formação e desenvolvimento das pessoas, bem como na constituição das condições concretas e subjetivas em que se desenreda a vida dos trabalhadores (CLOT, 2010), é que se optou por investigar qual a percepção pessoal das docentes acerca dos elementos que constituem seu trabalho, dos principais aspectos potencializadores e dificultadores da atividade laboral e os sentidos atribuídos ao trabalho pelas próprias profissionais em questão.

3 Coanálise da atividade de professoras

No texto *O significado Histórico da Crise da Psicologia: uma investigação metodológica* (1927/2004) o estudioso russo Vigotski afirmava que os psicólogos e teóricos da área necessitavam elaborar e desenvolver métodos indiretos de acesso ao psiquismo humano, capazes de favorecer aproximações graduais e sucessivas relativamente aos fenômenos psicológicos, que possibilitassem visualizar e considerar os comportamentos observáveis e os aspectos conscientes do homem analogamente aos métodos diretos, mas que também permitissem reconstruir e (re)interpretar outras dimensões do psiquismo, não conscientes e subjetivas.

Vigotski sinalizava que era preciso erigir estratégias metodológicas que favorecessem a enunciação por parte do sujeito da experiência, a qual deveria ser solicitada, pedindo-lhe *um relatório verbal* sobre os seus movimentos inibidos, mas que nem por isso deixavam de ser reais, pois a investigação dos movimentos internos não realizados constituir-se-ia em parte necessária da experimentação científica. Isto expressava a perspectiva vigotskiana acerca da necessidade de reformulação radical dos métodos investigativos e de estudo das atividades inibidas e que agem à revelia tanto do experimentador quanto do sujeito. Por esta razão depreende-se que as técnicas metodológicas necessitariam ser o revés da objetividade proposta pela observação clássica experimental, que prezava

pela objetividade petrificada do real, ou seja, o recomendável para o estudo das atividades suspensas seria a utilização de uma metodologia indireta, histórica e contextualizada de acesso ao psiquismo humano (CLOT, 2010).

Supondo-se que o pesquisador ao ir a campo encontra os sujeitos que conhecem o seu ambiente de trabalho e lhe atribuem sentidos que procuram preservar, e considerando que a organização ou a instituição na qual o trabalho se realiza constitui um fenômeno que pode ser entendido pela ótica de uma Psicologia voltada à pesquisa das ações que se processam em seu interior (SILVA, 2010), nosso estudo procurou ir além do observável em ações analíticas conjuntas entre professoras voluntárias e pesquisador tendo como princípio que aquelas que efetivamente compreendem os processos, as rotinas e a ambiência ocupacional são as profissionais inseridas no contexto pesquisado, elevando-se como congruente que os processos analíticos dos dados recolhidos fossem feitos com a ativa participação das próprias profissionais e de maneira isocrônica com os achados e reflexões do pesquisador, de modo que as professoras e o estudioso explorassem também os aspectos não observáveis do trabalho, que configuram o que Clot (2010) nomeou *real da atividade*.

Neste quadro a autoconfrontação simples atende ao chamado vigotskiano por ser um instrumento metodológico acadêmico e interventivo que pretende favorecer o exame e a compreensão das diferentes esferas do psiquismo humano, investigadas em ambiente de trabalho (PEREZ, 2016). Assim, Clot acolhe o apelo de Vigotski ao aprimorar um dispositivo que garante não apenas o conhecimento dos aspectos observáveis da ação humana, mas que favorece que a pessoa tome a si mesma e à sua atividade como objeto de análises e de produção de saberes. Clot resume a essência da autoconfrontação por intermédio da apropriação da asserção de Vigotski (2003, p. 90 *apud* CLOT, 2007, p. 137): “Conheço-me apenas na medida em que eu próprio sou outro para mim”.

Portanto, autoconfrontação simples propõe um novo contexto metodológico em que o sujeito (no nosso caso, professoras) se torna, por sua vez, um observador exterior de sua atividade na presença de um terceiro (o pesquisador). Assim, mediante gravações audiovisuais do trabalho realizado o sujeito realiza, por assim dizer, a auto-observação da sua atividade (CLOT, 2010). Neste estudo, para ir além do comportamento observável da atividade e propor a reflexão sobre o trabalho docente, foi dedicada especial atenção, nos momentos das autoconfrontações (em que as professoras assistiam o seu trabalho registrado), ao esforço explicativo sobre a própria atividade e, ainda, atentamos para as pausas, dúvidas, incertezas, manifestações dos

pensamentos verbalizados, lacunas discursivas (PEREZ & MESSIAS, 2013) e outras manifestações das professoras voluntárias da pesquisa.

Vale ressaltar que a ordinária observação da experiência vivida não permite acessar a completude do que se passa no psiquismo do sujeito, haja vista que o que emerge nos processos observáveis da vivência são as reações vencedoras possíveis ao indivíduo, as quais se revelam após uma luta, um conflito, até a colisão entre as várias atividades possíveis e rivais (CLOT, 2010). Em face disso, nesta investigação, o que se pretendeu foi fazer emergir, por meio da autoconfrontação, o real da atividade composto pelos aspectos suspensos, não realizados e não ditos, mas que estão presentes no psiquismo e na atividade humanas. Tais possibilidades descartadas – não vividas – foram apreciadas e avaliadas como tão importantes para compreender o trabalho docente quanto as reações que venceram e, portanto foram concretamente experimentadas.

Em síntese o real da atividade é um conceito adotado no âmbito da Clínica da Atividade e que faz referência ao que não se faz, o que se tenta fazer sem ser bem sucedido, o que se desejaria ou poderia ter feito, o que se pensa ser capaz de fazer noutro lugar, o que se faz para evitar fazer o que deve ser feito, o que deve ser refeito, assim como o que se tinha feito a contragosto (CLOT, 2010). Isso se deve ao fato de que o real da atividade excede à atividade realizada (parte do real, que já ocorreu, passada). Neste sentido, conforme apontado anteriormente, a atividade realizada é o resultado do conflito entre as várias atividades possíveis e rivais. Aquilo que se pode observar como a atividade do trabalhador é, na verdade, o conjunto de atividades que venceu o conflito entre as diversas atividades possíveis.

Á luz de Vigotski nos sinalizou Clot que o comportamento observável é um sistema de reações vencedoras, “já que o homem está pleno, em cada minuto, de possibilidades não realizadas” (VIGOTSKI, 2004, *apud* CLOT, 2010). Contudo, as atividades inibidas, que são de grande importância para a compreensão da atividade realizada, não são observáveis diretamente (o real da atividade, que está além do observável). Por esse motivo o real da atividade precisou ser abordado neste estudo por um método indireto de acesso ao psiquismo, a autoconfrontação simples, com vistas a se alcançar e explorar o real da atividade (SOUTO; LIMA & OSÓRIO; 2015), o qual chamamos aqui de além do observável.

Ainda segundo Clot (2010), a atividade – prática e psíquica – é sempre a sede de investimentos vitais: ela transforma os objetos do mundo em meio de viver ou fracassa ao fazê-lo. Em vez de ser determinada mecanicamente por seu contexto, a atividade dos sujeitos no trabalho implica a metamorfose desse contexto. Nesta linha de raciocínio

que o método da autoconfrontação auxilia o pesquisador a realizar a análise em conjunto das relações laborais, levando em consideração o que o próprio profissional observa e analisa em sua atividade de trabalho, juntamente aos apontamentos do pesquisador, o que pode levar a uma possível resignificação das relações entre o trabalhador e o seu objeto de trabalho, o trabalhador e a sua relação interpsicológica e intrapsicológica. Isto quer dizer que, nesta abordagem, as relações entre atividade e subjetividade estão no centro da análise, pois considera o trabalho como uma atividade dirigida em situação real, que é composta pelo comportamento observável e pela subjetividade do trabalhador, pelo objeto do labor, pela tarefa objetiva a ser realizada e pelo coletivo de trabalho, que são os colegas, chefes (PEREZ, 2016).

Além disso, Clot aponta que a atividade deve ser o elemento fundamental de análise da Psicologia do Trabalho. Afirma também que os atos profissionais são incessantemente orientados para objetivos e executados em uma conjuntura social específica e não como tarefas meramente prescritas, descontextualizadas socialmente e desprovidas de sentido para o trabalhador, e que, a despeito disso, por ele devem ser realizadas. Por este motivo que a autoconfrontação representa justamente o esforço para estruturar uma ferramenta metodológica capaz de estimular o contato do trabalhador com a dimensão não realizada (as ações suspensas ou impedidas, mas que se mantém vivas no psiquismo do profissional) da sua atividade ocupacional, mas que continuou a figurar em suas ações e acometer ou mobilizar a sua cognição e sentimentos, independentemente de as afetações serem conscientes ou inconscientes (CLOT, 2007).

Julgamos que as professoras voluntárias se tomaram a sua atividade como objeto de examinação e manifestaram as percepções e os sentidos atribuídos a ela porque a autoconfrontação tem como princípio que "até mesmo quando adota sua conduta como objeto de reflexão, o homem não fala de si próprio e dos outros, mas consigo mesmo e com os outros" (CLOT, 2010, p. 112). Diante disso, cumpre elucidar que a noção de sentido é compreendida, conforme a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, como a formação dinâmica, fluida e complexa, associada a todos os fatos psicológicos que uma palavra desperta na consciência do sujeito, baseando-se no entendimento do mundo e no conjunto da estrutura interior do indivíduo (VIGOTSKI, 2000). Dito de outra forma, o sentido é a apreciação, realizada por uma pessoa histórica-política-cultural e socialmente situada, acerca de um acontecimento, de uma situação vivenciada ou de um signo particular. O sentido integra em seu bojo os elementos afetivos e racionais ou cognitivos que são mobilizados por um indivíduo e direcionados ao entendimento e interpretação de uma situação ou signo.

4 Análise dos dados

Contexto

Realizamos um estudo de caso, de tipo instrumental, o qual, conforme Stake (1994, apud ANDRÉ, 2013), pode ser usado em avaliação ou pesquisa educacional para descrever e analisar uma unidade social, considerando suas múltiplas dimensões e sua dinâmica natural. É aquele em que o interesse do pesquisador é o estudo de uma temática ampla, que a investigação de um caso ajudará a compreender.

A coleta dos dados foi realizada via autoconfrontação simples em uma escola pública e urbana, municipal, localizada em uma cidade do interior do Estado de São Paulo. A escola em questão foi escolhida porque atendeu aos propósitos do estudo, ou seja, possuía infraestrutura adequada para os processos de filmagem da atividade docente, reuniões individuais e coletivas, e para reuniões com o objetivo de realizar a autoconfrontação simples e a coanálise dos dados levantados.

Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos por meio de amostragem por conveniência, isto é, escolhemos as pessoas a serem as participantes na população que nos era mais acessível. No caso deste estudo, as educadoras participantes foram selecionadas pelo pesquisador por meio de indicação da gestão escolar. Logo na primeira reunião com a equipe gestora, o pesquisador obteve o nome de duas professoras, as quais aceitaram espontaneamente a proposta apresentada, assinando um termo de consentimento livre e esclarecido, documento estruturado conforme as orientações para pesquisa com seres humanos do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) – Câmpus de Assis-SP, para o qual este estudo foi submetido (CAAE: 57343316.6.0000.5401/2016), respeitando todos os procedimentos éticos recomendados.

Dessa maneira, as voluntárias da investigação foram duas professoras com formação no curso de pedagogia, que atuavam em atendimento à crianças que frequentavam entre o 1º e o 5º ano do ensino fundamental I. A primeira, a Professora A, que chamaremos de *Prof. A*, ministrava aulas na turma do 3º ano, sendo efetiva no cargo, em uma sala composta por 28 alunos, com a média de idade entre 08 e 09 anos. Já a outra, a Professora B, que chamaremos de *Prof. B*, também era efetiva no cargo, mas naquele ano ministrava aulas em um projeto de oficina de leituras, o qual acontecia dentro do horário escolar determinado e no contraturno das aulas.

Aplicação da autoconfrontação simples

A autoconfrontação simples foi realizada respeitando as seguintes etapas: observação, pelo pesquisador, da atividade de trabalho das professoras, principalmente dentro da sala de aula; entrevista semidiretiva para a obtenção de informações sobre a atividade ocupacional; registro audiovisual do trabalho, os quais foram gravados em dias e horários apontados pelas voluntárias da pesquisa, sendo registradas 03 (três) sequências de trabalho, com duração de cerca de 50 (cinquenta) minutos cada registro; autoconfrontação simples propriamente dita, ou seja, o pesquisador selecionou trechos das gravações do trabalho, de acordo com o estabelecido com cada professora voluntária, e, em seguida, assistiu a esses trechos com a docente, a fim de conhecer as suas impressões, percepções e reflexões acerca da sua atividade profissional. Os diálogos entre o pesquisador e cada voluntária, feitos em sessões de até 50 minutos, também foram registrados em vídeo para garantir o apropriado estudo ulterior dos dados.

5 Resultados

A realização das autoconfrontações, utilizadas para a coanálise da atividade das professoras, ofereceram dados acerca das percepções pessoais e dos sentidos atribuídos ao trabalho pelas educadoras. Considerando o material que foi coletado ao longo da intervenção, por intermédio do conjunto de passos aplicativos da autoconfrontação simples, foi realizada a transcrição literal, para a viabilidade da análise e discussão. A sistematização e análise dos dados levantados foi realizada com embasamento na proposta intitulada *Núcleos de Significação* (AGUIAR & OZELLA, 2006).

Com base nos núcleos de significação selecionados, o nosso propósito foi apreender as mediações sociais constitutivas do sujeito, saindo assim da aparência, do imediato, e indo em busca do processo, do não dito, do sentido (AGUIAR & OZELLA, 2006). Os procedimentos para análise dos núcleos de significação, apresentados por Aguiar e Ozella (2006) e Aguiar, Soares e Machado (2015), se consistem em quatro etapas, a saber: leitura flutuante e organização do material; indicadores e conteúdos temáticos; construção dos núcleos de significação; e análise dos núcleos de significação.

Tendo isso em vista, foi possível organizar e analisar os dados em consonância à teoria levantada, fazendo a devida correlação do levantamento bibliográfico do tema com as questões apresentadas, através da análise minuciosa do conteúdo coletado nos encontros, preparando o material para ser discutido e interpretado. Segue a análise

dos dados, subsidiada pelas verbalizações das profissionais, atreladas à teoria embasadora deste estudo. Neste artigo optamos por apresentar o principal núcleo de significação identificado junto a cada professora voluntária, o qual sintetiza o sentido que cada uma atribui à sua atividade laboral. É importante mencionar que elegemos como maneira de apresentar os núcleos de significação o registro de frases representativas das docentes, já que nossa pesquisa teve como propósito evidenciar a voz destas profissionais.

Professora A

Núcleo de significação (frase síntese) - *"Eu sempre digo que 50% da sala é o que a professora e o aluno consegue estabelecer de laço e de confiança um com o outro"*

A frase da *Professora A* aponta que ela adota como paradigma de vínculo relacional a disciplina estabelecida entre professora e alunos. Todavia, as falas dela indicam a disciplina mais como uma relação afetivo emocional bem estabelecida, do que para um tipo de relação rígida e autoritária. É necessário indicar também a valorização que este fato possui para a docente, na medida em que aponta que 50% da sala é baseada nas relações entre ela e seus alunos. Essa questão é levantada pela educadora quando relata sobre a relação que teve com a turma do ano anterior em comparação com a turma do ano corrente.

eu sempre digo que 50% da sala é o que a professora e o aluno consegue estabelecer de laço e de confiança um com o outro, de disciplina... e o ano passado eu não consegui isso... nem um pouco... eu tinha assim, tinha alguns alunos que eram mais próximos, que eu considero isso importante, eu considero que os alunos gostarem de mim é importante, então eu faço bastante pra que eles gostem de mim, no sentido de agradar, no sentido de falar que eu gosto, que eu amo eles... no sentido de estarem próximos ... porque se eu não tiver vínculo afetivo com eles, eu acredito que a gente não consegue desenvolver um bom trabalho...

Esta voluntária também discorreu sobre a questão da disciplina em outra sessão de autoconfrontação, estabelecendo correlação entre organização, domínio da turma, concentração e a própria disciplina. Ela também acredita que possui maior capacidade para dar conta do conteúdo e controlar a disciplina da sala, por se tratar de uma turma composta por crianças menores.

olha, eu vejo assim, eu gosto do que eu faço... eu gosto da interatividade com as crianças, eu acho que eu não teria, assim, empatia pra trabalhar com crianças maiores... eu gosto dessa questão da construção do pensamento pra eles né, de como se concebe a escrita, a assimilação de conceito, então isso me atrai mais do que você trabalhar com crianças maiores nesse sentido..

Estas falas denotam o entendimento pessoal do trabalho docente, vistas pela própria profissional em questão. Ainda neste âmbito é perceptível as verbalizações a respeito de suas percepções do trabalho em outros momentos da autoconfrontação.

olha, eu vejo assim, me satisfaz muito quando eu vejo que uma criança avançou bastante... isso significa pra mim que eu contribui com ela de alguma forma, de alguma forma eu me vejo presente, presente na criança, eu me vejo presente nela a partir do momento em que ela percebe uma, que teve um avanço, teve um progresso, aprendeu alguma coisa que ela não sabia, então, é, é... ser transmissora, ser multiplicadora de, de conhecimento, pra mim me satisfaz profissionalmente, então, eu me sinto realizada quando eu vejo que as crianças começam a progredir, quando você vê um avanço na aprendizagem que você contribuiu para aquilo...

Ao recapitularmos a noção de sentido, reiteramos que se consiste na apreciação, realizada por uma pessoa histórica-política-cultural e socialmente situada, acerca de um acontecimento, de uma situação vivenciada ou de um signo particular. Logo, o sentido integra em seu bojo os elementos afetivos e racionais ou cognitivos que são mobilizados por um indivíduo e direcionados ao entendimento e interpretação de uma situação ou signo. Ao observarmos a verbalização supracitada, é possível reconhecer que o *ser professora* para ela é *contribuir de alguma forma, se ver presente na criança a partir do momento em que ela percebe que teve um progresso na medida em que transmite ou multiplica os conhecimentos*.

Essa questão está harmonicamente relacionada ao que Vigotski (2000) propõe quando diz que o sentido se produz nas práticas sociais, através da articulação dialética da história de constituição do mundo psicológico com a experiência atual do sujeito. Nessa linha de raciocínio, Clot (2007) dirá que a análise psicológica do trabalho é sempre análise de um sujeito, de um grupo ou de vários, numa situação ou num meio.

Ela concerne àquilo que os homens fazem com as provações pelas quais passam e das soluções que eles encontram, ou não encontram, a fim de enfrentá-las. É esse o motivo pelo qual, considerando que seu objeto são as condições da vida habitual num "meio natural", a psicologia do trabalho tem de enfrentar habilidades anônimas, representações do senso comum, análises da razão prática e subjetiva daqueles que trabalham (...) a análise associa explicação e compreensão quando a mesma atividade é *re-descrita* num novo contexto. A "boa" descrição é a *re-descrição*, realizada em colaboração entre o pesquisador e os trabalhadores envolvidos (CLOT, 2007, p. 130).

Professora B

Núcleo de significação (frase síntese) - "*Ninguém paga pra trabalhar, professor paga pra trabalhar*"

Inserida em um contexto socioeconômico com público de renda média e/ou baixa, a escola em que as professoras exerciam suas atividades recebia verbas do Estado e do município, sendo classificada como pública e municipal. Desse modo, uma das propostas referida por Tardif (2011), a qual afirma que "os sistemas escolares devem dispor de condições físicas e materiais, de recursos didáticos, de biblioteca e outros, que propiciem aos alunos oportunidades concretas para aprender" (p. 114), entra em pauta nesse momento de análise. Observamos verbalizações da educadora em que demonstra uma contraposição acentuada em relação a alguns pontos colocados pelo autor.

depois eu comprei o preto [papel de EVA da cor preta, para a realização da atividade dos alunos] ... essa questão do material é assim... às vezes tem na escola, às vezes não... e aí a gente acaba comprando, isso é geral dos professores eu percebo sabe, assim... então, assim, ninguém trabalha, ninguém paga pra trabalhar, professor paga pra trabalhar, ... mas isso é uma questão que faz parte do trabalho do professor, ... aí o professor acaba se... arrumando outro jeito, pro negócio funcionar, pra girar, pra resolver...

Partindo do princípio de que a qualidade do ensino depende de mudanças no âmbito da organização escolar, envolvendo a estrutura física e as condições de funcionamento, a estrutura e cultura organizacionais e as relações entre as pessoas que compõem esse ambiente (LIBÂNEO, 2001), se torna enfático pontuar essa questão levantada pela professora,

que diz que o *professor paga pra trabalhar*. De que maneira, numa escola pública, as transformações pretendidas podem ser implementadas, se continuarmos reféns dessas situações levantadas pela docente em questão? Se continuarmos sendo ridicularizados por governos despóticos e inflexíveis, que vêem a educação como mercadoria e não como uma forma de oportunidade para melhorias, em todos os sentidos da palavra, para sua população?

As exigências que recaem sobre as professoras parecem aumentar velozmente nos tempos atuais. Além de terem que deter o domínio cognitivo, as educadoras também têm que ser facilitadoras de aprendizagem, organizadoras de trabalho em grupo e pedagogas eficazes. De mais a mais, também tem que cuidar do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social e da educação sexual e, ainda, dar atenção especial aos estudantes com defasagens de ensino e com deficiências integrados à sala de aula. Outrossim, para além da complexidade subjetiva de ser professora no contrastante mundo capitalista, há condições objetivas que perpassam a sobrevivência física e emocional desses indivíduos em nossa sociedade (MOURA, 2013). Entretanto, como exercer esses atributos impostos, se a realidade degradante não fornece mínimas condições para tal?

O cenário estrutural das instituições públicas brasileiras faz com que qualquer protagonista se torne um coadjuvante perante os impasses que são acometidos. Mesmo que tamanha força de vontade seja empreendida pelas educadoras, as condições basilares defasadas não contribuem para o desenvolvimento que se espera.

A globalização e o neoliberalismo têm implicado na reorganização do capital, do trabalho e da sociedade. A lógica do mercado e seus pressupostos de eficiência e eficácia, impregnados em todos os setores produtivos da sociedade, contribuíram para a precarização das relações de trabalho. A educação escolar, por estar inserida neste contexto social, também vem sofrendo as implicações de tais rearranjos sociais e econômicos (MOURA, 2013, p. 62).

De fato, com as propostas e reformas neoliberais que visam enxugar o quadro de funcionários das empresas e instituições, atreladas a questões sociais recentes, como a inserção das mulheres no mercado de trabalho, levam a escola e as docentes a arcar com as consequências, dentre elas, a responsabilidade educativa de transmitir os valores básicos para se conviver numa sociedade que antes eram difundidos pela família. Portanto, "se tudo corre bem, os pais pensam que os filhos são bons

estudantes. Se as coisas correm mal, pensam que os professores são maus profissionais” (ESTEVE, 1995, p. 105).

6 Considerações finais

À guisa de conclusão é necessário destacar que o dispositivo metodológico autoconfrontação simples efetivamente colaborou para a construção, em parceria entre pesquisador e professoras voluntárias da investigação, de um panorama dos aspectos ocupacionais próprios do trabalho docente que vão além do comportamento observável das profissionais, notados em sala de aula ou nas tarefas de gabinete, como planejamento e leitura de documentos prescritivos da atividade docente.

É possível notar que os núcleos de significação das professoras parecem estabelecer interrelação, guardando semelhanças entre si e complementaridades sinalizando de maneira análoga, por exemplo, que nos esforços diários empreendidos buscam se desdobrar e se empenham com diligência para garantir o cumprimento das rotinas de trabalho e o alcance dos objetivos ligados ao aprendizado dos discentes, ainda que a estrutura e o apoio que possuem sejam insuficientes. Mesmo que *ninguém pague pra trabalhar, professor paga pra trabalhar*, e isso, unido a flexibilização que lhes são exigidos, executam, em certa medida, funções de pais, assistentes sociais, psicólogas, mediadoras de conflitos, entre outros.

Apresentamos também as percepções pessoais e o sentido atribuído ao trabalho pelas educadoras, de forma a fazer emergir o *além do observável* ou, equivalentemente, o *real da atividade*, conforme autoconfrontação coanalítica dos processos laborais. Essa pretensão foi implementada na medida do possível, pois sabemos que o sentido possui um caráter plurideterminado e ilimitado (VIGOTSKI, 2000), fazendo com que seja inexequível alcançar algo pronto e estável.

E neste ponto concordamos com Clot (2007), quando diz que o analista do trabalho é precedido no campo por aqueles que nele vivem, encontrando nesse campo sujeitos que já puderam compreender e interpretar seu meio de trabalho para lhe dar e por vezes conservar um sentido. Com efeito, esse é um dos indicadores de maior relevância para a abordagem da Clínica da Atividade, pois o próprio sentido da atividade realizada, da ação em curso, perde-se na maior parte das vezes quando desaparece, no trabalho dos sujeitos, a relação entre os objetivos que lhes são impostos, os resultados a obter obrigatoriamente e o que é verdadeiramente importante para eles. A ação prevista, depois de ter sido realizada, e o desempenho confirmado podem deixar de ter qualquer função psicológica para os sujeitos se eles não se reconhecem nessa ação.

Logo, a saúde está ligada à atividade vital de um sujeito, àquilo que ele consegue, ou não, mobilizar de sua atividade pessoal no universo das atividades do outro; e, inversamente, àquilo que ele chega, ou não, a utilizar das atividades do outro em seu próprio mundo (CLOT, 2010).

A Psicologia do Trabalho, então, deve seguir a via de uma psicologia do desenvolvimento dos sujeitos no trabalho. Neste compasso, considerando as demandas colocadas pela sociedade atual às docentes, bem como a visibilidade e relevância que esta profissão possui em nosso país, buscamos a percepção das professoras e o sentido que atribuem, fazendo o exercício de coanálise, com a intenção de promover uma reflexão do trabalho, pelas próprias trabalhadoras. Então, concluímos que a valorização da profissional docente deva ser realmente enfatizada, ao passo que as educadoras constituem a base de formação individual e social das pessoas que compõem nossa sociedade.

Para além da abonação financeira, há que se reconhecer os esforços e desdobramentos dispensados por estas profissionais, dando-lhes apoio social concreto, para que consigam dar sentido àquilo que exercem. É necessário que se façam sólidos levantamentos e análises da estrutura em que se rege o ensino no país, levando ao aumento intensivo de investimentos financeiros. Mais ainda, é necessário que se repense os modos de agir atuais e se discuta com os trabalhadores dessa área aspectos que podem contribuir para melhorias no cotidiano laboral. Por esse motivo que se fez necessário questionar quem de fato está inserido nos ambientes escolares, pois são quem realmente compreendem os entremeios e as dificuldades enfrentadas diariamente.

Portanto, acreditamos que a proposta de contemplar o trabalho pela visão de quem vivencia e compreende os seus detalhes, os vieses laborais, pode contribuir para o desenvolvimento e ampliação do poder de ação dos profissionais em questão, e que, uma Psicologia do Trabalho genuína deva levar isso consideração, com vistas a contribuir para melhorias nos ambientes profissionais e, conseqüentemente, na saúde dos trabalhadores.

Referências

AGUIAR, W. M. J. & OZELLA, S. **Núcleos de significação como instrumento para a apreensão dos sentidos.** Psicologia Ciência e Profissão, 26 (2), 222-245, 2006.

AGUIAR, W. M. & SOARES, J. R. & MACHADO, V. C. **Núcleos de significação:** uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. Cadernos de Pesquisa, 45 (155), 56-75, 2015.

ANDRÉ, M. E. D. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação?** Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, 22 (40), 95-103, 2013.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

CLOT, Y. **Trabalho e poder de agir.** Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

ESTEVE, J. M. **Mudanças sociais e função docente.** In: NÓVOA, A. (Org.). Profissão Professor. Porto: Porto, 1995.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo, SP: Cortez, 2001.

MANCUSO, M. J. C. **Além do observável:** coanálise da atividade docente. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia e Sociedade, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2018.

MOURA, C. B. **A precarização do trabalho docente nas escolas estaduais paulistas.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, 2013.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky:** aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. São Paulo, SP: Scipione, 2005.

PEREZ, D. **Produzir saberes sobre o trabalho:** um método em Psicologia. Revista Estudos de Psicologia, 21 (3), 305-316, 2016.

PEREZ, D.; MESSIAS, C. **O dispositivo metodológico e interventivo autoconfrontação e seus usos em pesquisas de educação.** Revista Nuances: estudos sobre Educação, 24 (3), 81-100, 2013.

POZO, J. I. **Aprendizes e mestres:** a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

SILVA, G. E. **A psicologia do trabalho nas organizações estratégicas:** uma reflexão psicossociológica. In: HASHIMOTO, F. (Org.). Psicologia e Trabalho: desafios e perspectivas. Assis: UNESP, 2010.

SOUTO A. P.; LIMA K. M. N. M. & OSÓRIO, C. **Reflexões sobre a metodologia da clínica da atividade:** diálogo e criação no meio de trabalho. Laboreal, 11 (1), 11- 22, 2015.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKI, L. S. **O significado histórico da crise da psicologia**: uma investigação metodológica. In: Vigotsky, L. S. Teoria e método em psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ZANELLI, J. C. **Estresse nas organizações de trabalho**. Compreensão e intervenção baseadas em evidências. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010.

Agradecimentos

Às professoras voluntárias deste estudo, pois sem elas não haveria possibilidade de construção.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [CAPES] - Edital de Seleção de Bolsistas CAPES/DS UNESP 2016.

ⁱ Nota 1: Neste artigo foi adotado o termo professoras para fazer referência ao coletivo de profissionais aqui citado devido ao número de docentes do ensino fundamental I ser predominantemente feminino. Daremos mais detalhes ao longo do exposto. Para mais informações sobre a divisão por gênero do trabalho docente no Brasil, acessar: <<http://portal.mec.gov.br/plano-nacional-de-formacao-de-professores/censo-do-professor>>.

Artigo apresentado em: 31/07/2019

Aprovado em: 19/08/2019

Versão final apresentada em: 19/08/2019